

## ANEXO II

### **(Cri)Ações À Flor Da Pele: Museus E As Narrativas De Passados E Memórias Através Dos Sentidos**

#### **Apresentação oral**

Considerar a natureza multisensorial da cultura material, com suas texturas, cheiros, pesos, gostos, dimensões, e permitir sensações que vão para além do olhar, para além das vitrines que contém esses objetos. Tocar, cheirar, experimentar, olhar, constatar, criar, refletir, (re)significar, apropriar. Podem pertencer esses verbos a exploradores do espaço museal que não sejam arqueólogos, museólogos, historiadores, conservadores, restauradores? De que modo os caminhos da experiência sensorial em museus permitem que a comunidade do entorno se compreenda como sujeito ativo na construção dos saberes sobre seu passado e presente? Inquietações motrizes da presente comunicação, esta apresentará algumas possibilidades de diálogos teóricos entre a Museologia Social, a Arqueologia Pública e a Arqueologia Sensorial para o pensar dessas questões. Mas, antes, por que a arqueologia? E por que esses campos teóricos?

Aqui considero a definição de arqueologia como o estudo das relações sociais e suas transformações a partir da cultura material (Funari, 2003:15). E por cultura material, entendo como “(...) qualquer objeto feito ou apropriado pelo ser humano. Eles não precisam ser nem antigos, nem quebrados e nem estar enterrados.” (Camargo, 2004). Os museus, por sua vez, como locais institucionalizados da memória, participam do processo de seleção e leitura dessa cultura material, o que me leva a entender que as discussões entre museus e arqueologia estão próximas.

A Arqueologia Pública e a Museologia Social foram escolhidas por sua preocupação com diálogos que transpõe comunidades como museus, universidades e especialistas, para abranger comunidades outras, na tentativa de diversificar e enriquecer o debate. Em suas discussões, ambas apontam para as dimensões locais/regionais do patrimônio na participação comunitária. Por assim dizer, de modo superficial, a Arqueologia Pública preocupa-se com os diálogos produzidos a partir do interesse arqueológico entre grupos que ultrapassam os limites da academia (Carvalho; Silva, 2013:45) e a Museologia Social permite o repensar do espaço do museu, no sentido de considerá-lo um recurso que deve estar em constante comunicação com a comunidade, contribuindo para a possível criação de um espaço aberto ao repensar das práticas museológicas de narração e interação do acervo com a comunidade, além de ser constituída e estar aberta a diálogos interdisciplinares.

Já a Arqueologia Sensorial participa desta reflexão ao trazer observações que questionam o privilégio da visualidade nos modos de experimentação do patrimônio, apontando para outros processos de sensibilidade como tão importantes quanto o olhar nas formas de percepção e (re)conhecimento do mundo (Bezerra, 2013). É comum haver nos museus certa interdição de outras maneiras corporais de interação com a cultura material, o que pode ser entendido como um paradoxo, já que os “Objetos foram feitos para serem experimentados, assim como casas foram feitas para serem habitadas, vestimentas foram criadas para serem vestidas, facas foram feitas para cortar, parafusar

e mesmo travar a porta que insiste em bater com o vento.” (Pellini, 2014:64). Desse modo, ainda é pouca a importância dada à experiência sensorial e o imbricamento entre as pessoas e cultura material no reconhecimento das múltiplas elaborações/criações sobre o passado. (Bezerra, 2013: 111).

Por isso, muito além de se apresentar como uma possibilidade de inovação em iniciativas museais, as discussões sobre uma maior fruição sensorial e simbólica de todas as comunidades para com o patrimônio também se apresenta como uma possibilidade de abertura de espaços para a criação de novas narrativas, novos pensares sobre passado e presente. Em outras palavras, possibilidades múltiplas de sentir, permite possibilidades múltiplas de criar.

Esta comunicação é fruto de algumas reflexões desenvolvidas ao longo de minhas pesquisas em Iniciação Científica e experiências diversas atuando como colaboradora de um Laboratório de Arqueologia Pública e estagiária, responsável pela curadoria de uma exposição arqueológica, em um museu público do interior paulista.

## **Bibliografia**

BEZERRA, M. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da amazônia. *In: Revista de Arqueologia Pública*, n.7, Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP. pp. 107-122, julho/2013.

CAMARGO, P.B. Vaporização do passado. *In: História e-História*, 2004. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=reportagens&ID=3>. Acesso em: 29/07/2014.

CARVALHO, A. V.; SILVA, B. S. R. Arqueologia e socialização do conhecimento: Indiana Jones, mostre-nos o que sabes. *In: Revista Ciência e Cultura*, vol.65, n.2, São Paulo, Abr./Jun 2013. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252013000200017&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252013000200017&script=sci_arttext).

FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

PELLINI, J. R. Redomas de vidro: relações entre tato, cultura material e práticas de institucionalização. *In: Revista de Arqueologia Pública*, n.9, Julho de 2014. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP. pp. 63-78.